Caro Professor,

Essa atividade é a segunda de um conjunto de sete propostas que podem ser realizadas após a exibição do episódio “Puxando menino – o trabalho de parto”, do programa de vídeo Causos e Falas daqui e dali.

As atividades são compostas por textos, que aprofundam os temas apresentados no vídeo, e sugestões de exercícios a serem realizados pelos alunos.



Após a realização das atividades, seus alunos poderão participar de um jogo interativo, em que seus conhecimentos serão verificados e aprofundados.

O episódio de vídeo, as atividades e o jogo estão disponíveis no Portal do Professor: [http://portaldoprofessor.mec.gov.br/.](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/)

Bom trabalho!



Atividade A poesia – um jeito especial de dizer

Episódio Puxando menino - o trabalho de parto

Programa Causos e falas

Você já sabe que a métrica, a rima e o ritmo são excelentes para a memória e fazem com que a gente se lembre, para sempre, de um poema como Batatinha quando nasce, mesmo que ele não guarde uma significação muito profunda. Na maior parte dos poemas, entretanto, os elementos poéticos associam-se ao conteúdo, contribuindo para a constituição do sentido.

Veja o poema “Brisa”, de Manuel Bandeira, publicado no livro Belo, belo:

Vamos viver no Nordeste, Anarina



Deixarei aqui meus amigos, meus livros, minhas riquezas, minha vergonha.

Deixarás aqui tua filha, tua avó, teu marido, teu amante.

Aqui faz muito calor.

No Nordeste faz calor também. Mas lá tem brisa:

Vamos viver de brisa, Anarina.

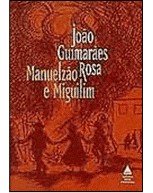
Você percebeu que, nesse poema, não há rimas, nem um número fixo de sílabas, nem uma distribuição regular das tônicas pelos versos. Aqui, a sonoridade vem de outro lugar: perceba a aliteração, ou seja, a repetição dos mesmos sons em algumas palavras. No primeiro verso, por exemplo – Vamos viver no Nordeste, Anarina – a repetição de v e s cria um som que lembra a passagem do vento. Isso tem a ver com o título do poema (“Brisa”) e com o desfecho da composição – Vamos viver de brisa, Anarina – em que sons iguais ou semelhantes se repetem. Dessa maneira, o poeta fala do vento e faz com que seu som ecoe no poema.

Algumas palavras têm a característica de imitar sons por meio da escrita. Elas são conhecidas como onomatopeias e ocorrem em exemplos como: “zum”, “blém-blém”, etc. Há também palavras que são formadas a partir de onomatopeias (palavras onomatopaicas), como os verbos zumbir (que lembra o som das abelhas), ou tilintar e bimbalhar (que



lembram o som dos sinos). O desejo de estabelecer uma relação entre o som e a coisa designada, algumas vezes, leva à criação de palavras novas que imitam um ruído. Nesse caso, dizemos que se trata de um neologismo (ou seja, uma palavra nova), produzido a partir de uma onomatopeia. Veja o que fez o escritor Guimarães Rosa, na narrativa Manuelzão e Miguilim, para descrever um final de tarde chuvosa:

“Tinha dado o vento, caíam uns pingos grossos, chuva quente. Os cachorros latiam, com as pessoas. O vento zunia, queria carregar a gente. [...] – “P’ra dentro, menino! Vento te leva...” – “Vem ver lá na frente, feio que chega vai derrubar o mato...” – era o Dito, chamando. Os coqueiros, para cima do curral, os coqueiros vergavam, se entortavam, as fieiras de coqueiros velhos, que dobravam. O vento vuvo: viív... viív... Assoviava nas folhas dos coqueiros.”



(Ficção Completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, vol. I, p. 475.)

Assim como Manuel Bandeira, ele emprega palavras em que há v e f, para lembrar o som do vento. Mas ele não pára aí. Ele também usa onomatopeias e cria palavras totalmente inventadas para que, dentro de sua descrição, apareça o som do vento. A palavra “vuvo” é um neologismo, inventado por Guimarães Rosa, para lembrar o ruído do ar em movimento, assim como as onomatopeias, que aparecem junto dele “viív... viív...”. A repetição desses sons colabora com a construção do sentido, fazendo com que o texto não apenas fale sobre o vento, mas fale como o vento.

No caso do poema de Manuel Bandeira, há outras repetições além da dos sons. A duplicação parcial do primeiro verso no último é um tipo de paralelismo, ou seja, uma reiteração de palavras, expressões ou mesmo de versos inteiros. Ele ocorre também com a palavra “brisa” no 7º e 8º versos. Essa repetição cria um efeito interessante no poema, pois, embora se trate da mesma palavra, ela tem sentidos diferentes em cada uma das vezes. No sétimo verso, a palavra “brisa” significa “vento leve”, mantendo-se dentro do assunto relativo a calor e vento. Mas no oitavo, a palavra “brisa” ganha um sentido conotativo (quer dizer, um sentido figurado, não literal) e passa a significar “viver à toa, sem dinheiro.” Ou seja, o igual se torna diferente, dando graça ao poema. Além disso, “viver de brisa” remete ao outro tema do poema: a proposta de fuga, deixando tudo para



trás.

Assim, mesmo sem rima ou métrica fixa, esse poema faz um uso especial da linguagem, combinando som e sentido e criando imagens a partir das palavras.

Saiba Mais

No site “Releituras”, você encontra diversas

informações sobre o poeta Manuel Bandeira, bem como poemas dele e de vários outros



escritores brasileiros. Basta acessar:

<http://www.releituras.com/index.asp>

O documentário Manuel Bandeira – O Habitante de Pasárgada (Brasil, 1954) traz informações sobre a trajetória do escritor e sua obra. Você pode acessá-lo no link: <http://www.youtube.com/watch?v=xM6hm8h>



\_c0s



Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. O estudo analítico do poema. São Paulo: Associação Editorial

Humanitas, 2004.

Sinopse: Neste livro, Antonio Candido explica os elementos fundamentais do gênero poético e faz interessantes análises formais de poemas.

CANDIDO, Antonio. Na sala de aula: caderno de análise literária. São Paulo: Editora Ática,

1995.

Sinopse: Neste pequeno livro, o autor ensina os fundamentos estruturais da poesia, por meio da leitura e análise de seis poemas.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo: T. A. Queiroz/ Edusp, 1989.

Sinopse: A autora examina as possibilidades de estilo dentro da estrutura da língua, demonstrando a flexibilidade da linguagem por dentro de textos literários em língua portuguesa, tanto em prosa como em verso.